



HIDRA VOCAL

ESTUDOS SOBRE RETÓRICA E POÉTICA
(EM HOMENAGEM A JOÃO ADOLFO HANSEN)

Organização

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho

Marcelo Lachat

Lavinia Silvares


Ateliê Editorial

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
1. <i>Artes e Letras no Brasil Anteriores ao Século xviii</i> – João Adolfo Hansen.	11
2. <i>Avivando o Juízo ao Doce Estudo: A Poesia de Camões e a Tradição do Comentário</i> – Isabel Almeida	37
Tempo e Sistema.	37
O Comentário dos Modernos: Linhas Gerais	38
Camões.	40
A Écloga dos Faunos	46
Dissonâncias	49
Silenos	55
Referências Bibliográficas.	58
3. <i>Viola e Harpa: A Harmonia Poética de Violante do Céu e Gregório de Matos</i> – Maria do Socorro Fernandes de Carvalho.	61
Referências Bibliográficas.	75
4. <i>A Ordem do Discurso e a Materialidade dos Textos</i> – Roger Chartier.	77
5. <i>João Adolfo Hansen e a Reorientação da “Crítica Literária”</i> – Jean Pierre Chauvin.	95
<i>Exodium</i>	95
<i>Narratio</i>	96
<i>Argumentatio</i>	98
<i>Conclusio</i>	101
Referências Bibliográficas.	104
6. <i>“Esperanças” Sebastianistas em um “Papel” Vieirense: Autoria e Apocrifia em Manuscritos Proféticos Atribuídos a Antônio Vieira</i> – Luís Filipe Silvério Lima	107
Apocrifia e Autoria.	110

Apócrifos Vieirianos e a Questão da Autoria	113
Quinto Império, Textos Proféticos e Apocrifia	116
O “Papel sobre a Esperança” e os Textos Vieirenses	119
O “Papel” e suas Fontes	122
Autoria, Apocrifia, Códices Manuscritos e Gênero Profético (Agora Também no Mundo Digital)	130
Referências Bibliográficas	133
7. <i>Do Ser Discreto ou Néscio com Gregório de Matos – Pedro Marques</i>	137
i	137
ii	139
iii	144
Referências Bibliográficas	146
8. <i>O Jesuíta Diante dos Juizes: Algumas Questões Retóricas Sobre os Autos do Processo de Padre Antônio Vieira na Inquisição – Marcus De Martini</i>	147
Referências Bibliográficas	167
9. <i>O Cornélio Galo de Propércio: Unus Fiat e Pluribus – Paulo Martins</i>	169
Questões Iniciais	169
Estrutura Editorial Possível do <i>Monobiblos</i>	172
No Rastro dos Comentários	177
Contra a Corrente	182
<i>The Turning Point</i>	188
Referências Bibliográficas	189
10. <i>Espelho de uma Vida Humana – Adma Muhana</i>	193
Referências Bibliográficas	209
11. <i>O Príncipe Excelente: O Clarimundo de João de Barros como Modelo Régio Dirigido ao Futuro Rei D. João iii – Flávio A. F. Reis</i>	211
Referências Bibliográficas	219
12. <i>O Autorretrato de Montaigne – Elaine C. Sartorelli</i>	221
Referências Bibliográficas	237
13. <i>A “Visão Imaginária”: Apontamentos Sobre Imaginação e Retórica na Inglaterra de William Shakespeare – Lavinia Silveiras</i>	239
Referências Bibliográficas	249
14. <i>Tratado Político (1715), de Sebastião da Rocha Pita, e o Gênero Histórico dos Séculos xvii/xviii – Eduardo Sinkevisque</i>	251
Referências Bibliográficas	261

Apresentação

Este livro resulta do encontro de estudiosos brasileiros e estrangeiros em um evento sobre os campos da retórica e da poética, realizado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (eflch-Unifesp) em setembro de 2018: o i Panorama dos Estudos Poéticos e Retóricos no Brasil. Abarcando um amplo escopo temático e temporal, os trabalhos apresentados ao longo de três dias versaram sobre poesia, música, narrativas em prosa, arquitetura e outras artes e campos do saber em sua relação com o domínio técnico e inventivo da retórica – disciplina mestra que por séculos a fio fundamentou as produções discursivas e artísticas em diversas línguas, espaços geográficos e momentos históricos. Contando com a presença de grandes pesquisadores e professores, o encontro também homenageou os pioneiros trabalhos acadêmicos do professor João Adolfo Hansen (Universidade de São Paulo), fundamentais para o desenvolvimento dos estudos retóricos e poéticos no Brasil. Assim, nesta obra, reúnem-se textos inéditos produzidos pelos conferencistas convidados, consistindo ela em um arco de reflexões contemporâneas acerca de retórica, poética, história, arte e cultura em diferentes matizes e nuances teóricas e críticas.

Nos ensaios aqui reunidos, evidencia-se, entre outras coisas, a importância dos estudos precursores feitos por João Adolfo Hansen. Desde a publicação

de sua obra *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século xvii* (a primeira edição é de 1989 e a segunda de 2004), os trabalhos sobre as letras luso-brasileiras dos séculos xvi a xviii e as diversas formas de representação produzidas antes das guinadas iluminista e romântica, na segunda metade do século xviii, nunca mais foram os mesmos. Termos como engenho, agudeza, discrição, juízo, prudência, representação mimética, arte retórica e poética ganharam, a partir da potência intelectual e inovadora das investigações de Hansen, novos contornos e novas possibilidades de significação pautados por uma abordagem que historiciza – sem jamais engessar – os complexos objetos do mundo das letras produzidos em uma alteridade histórica que definitivamente não é a nossa. Ao longo do mencionado evento que originou este livro, diversos ex-orientandos, estudantes e colegas do professor Hansen enfatizaram a importância de seus trabalhos para as renovadas pesquisas que surgiram – e continuam a surgir – nos amplos horizontes da retórica e da poética. Os que tiveram a sorte de conviver com Hansen atestam, ainda, a enorme generosidade com que sempre ajudou seus interlocutores, seja por meio da leitura atenta dos trabalhos iniciantes, de suas sugestões de pesquisa, indicações e empréstimos de livros, seja pela imprescindível motivação para investigações acadêmicas que nem sempre carregam o selo de um utilitarismo imediatista ou de uma adesão a discursos nacionalistas panfletários. O resultado dos profícuos diálogos de Hansen com gerações de pesquisadores de diversas regiões do Brasil também se faz notar neste livro, não apenas nas referências bibliográficas dos textos, mas nas diversas citações ao professor – algumas, inclusive, de ordem pessoal.

Conforme Baltasar Gracián, “es hidra bocal una dicción, que a más de su directa significación, si la cortan o la trastruecan, de cada sílaba renace una prontitud, y de cada acento un concepto”¹. Por isso, como insuficiente homenagem, não a essa de Gracián, mas àquela humaníssima hidra vocal que é toda generosa prontidão e agudo conceito, propõe-se, enfim, este livro: um panorama dos estudos retóricos e poéticos no Brasil.

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho
Marcelo Lachat
Lavinia Silveiras

1. Baltasar Gracián, “Discurso xxxiii”, *Arte de Ingenio, Tratado de la Agudeza*, 1642.

Artes e Letras no Brasil Anteriores ao Século xviii

João Adolfo Hansen
universidade de são paulo

nec spe nec metu.

Sou extremamente agradecido a todos os caros amigos que, neste evento, vêm-se lembrando do meu trabalho. A amizade de todos me põe alegre, além de mim, e ao mesmo tempo aquém, constrangido por não poder corresponder, como gostaria, a tanta generosidade sem reservas. É nesta posição instável que vou lhes falar sobre o tema que me foi proposto, as pesquisas que vêm sendo feitas no Brasil a respeito de letras e artes anteriores ao século xviii iluminista-romântico.

Antes de qualquer coisa, quero inscrever minha fala e o que já fiz, faço e espero ainda fazer numa empresa, que tem por corpo ou imagem um livro antigo roído de bichos, como metáfora e síntese das condições brasileiras dos estudos sobre as letras e artes anteriores ao século xviii iluminista-romântico. Por alma, a empresa tem a sentença *nec spe nec metu*, “nem com esperança nem com medo”, que peço emprestada como sentido do que faço à divisa de um italiano do século xv.

Em 1984, depois de ter defendido em 1983 uma dissertação de mestrado sobre *Grande Sertão: Veredas*, eu era professor na área de Literatura Brasileira da usp. Estava inscrito no doutorado e, como tinha ficado chato ser moderno e não podia ser eterno e de modo algum queria ser pós-moderno, resolvi estudar uma ruína, a poesia satírica atribuída ao poeta colonial Gregório de Matos e Guerra. Ela era classificada como poesia de estilo barroco cultista e conceptista

e não fazia parte do cânone literário organizado segundo o conceito romântico-nacionalista de *Bildung*, formação. Eu não tinha a mínima ideia do que fosse “barroco”, a não ser as generalidades romântico-positivistas dos livros didáticos. Naquele tempo, por aqui não havia computação nem Internet. As bibliotecas eram as brasileiras que vocês conhecem e a miséria bibliográfica era brasileira, extrema. Adquiri os sete volumes da edição dos poemas atribuídos a Gregório de Matos feita em Salvador em 1968 por James Amado e Maria da Conceição Paranhos. Li então, não sei onde, que Lévi-Strauss tinha mandado construir dois varais de aço paralelos numa sala do Musée de l’ Homme, em Paris, onde pendurou folhas de cartolina contendo, cada uma, um mitema ou unidade de mito, que ele obteve aplicando a narrativas de índios sul-americanos as categorias das análises que Propp tinha feito de contos populares russos. Olhando as cartolinas de uma das pontas do varal, ele conseguia visualizar, espacializada, a estrutura dos mitos. Eu não era Lévi Strauss, infelizmente, nem estava em Paris, mas, inspirado nele, comprei doze cadernos de 300 páginas cada e abri um arquivo neles, de a, *Abaeté*, até z, *Zote*, transcrevendo títulos, didascálias, lugares comuns, metáforas, nomes próprios, versos, rimas, insultos, obscenidades etc. dos poemas. Flaubert dizia que é preciso estar triste para reconstruir Cartago. Para reconstruir a Cartago colonial, eu li os poemas muitas e muitas vezes e, depois, o que fui conseguindo encontrar principalmente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e em sebos: tratados de retórica latinos, italianos e espanhóis, atas e cartas da Câmara Municipal de Salvador entre 1640 e 1740, tratados teológico-políticos italianos e ibéricos, cartas de jesuítas dos séculos xvi e xvii, poetas portugueses e espanhóis do século xvii, denúncias ao Santo Ofício da Inquisição, manuais de inquisidores, trechos e trechos da *Suma Teológica*, de Santo Tomás de Aquino, textos de Francisco Suárez e Giovanni Botero, a poesia satírica de Horácio e Juvenal, poemas do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende etc. Sempre com alegria, uma alegria guerreira, a de descobrir o que não conhecia e, simultaneamente, a de produzir conceitos, categorias e procedimentos úteis para criticar periodizações e classificações anacrônicas das representações coloniais herdadas do século xix e reproduzidas nas histórias literárias brasileiras. Li os sete volumes de poemas muitas e muitas vezes, sempre ouvindo uma voz que me comove, Billie Holiday; com isso, depois de algum tempo, passei a ter uma visão sistêmica daquela poesia. Uma oposição idealista que ainda hoje se ensina na universidade e na escola secundária para classificar a poesia do século xvii, *cultismo/conceptismo*, ficava totalmente inútil e descartável. Depois, também ficaram inúteis todas as outras oposições idealistas, românticas e positivistas, anacrônicas, das histórias literárias brasileiras.

O que eu precisava era conhecer a doutrina ou as doutrinas poéticas dos diversos gêneros daquela poesia. Em 1986, procurando textos sobre as doutrinas greco-latinas do cômico, encontrei, na seção de livros raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma edição veneziana datada de 1685 da obra do conde e jesuíta italiano, Emanuele Tesauro, *Il Cannocchiale Aristotelico*. O livro tinha pertencido ao retor português Francisco Leitão Ferreira e veio para os tristes trópicos na biblioteca de D. João VI, em 1808. Quando o acharam, os bichos brasileiros demonstraram o magnífico empenho que sempre demonstram na sua arte de roer. Coisa de dar muita inveja a qualquer ministro da cultura brasileiro, as mais de quinhentas páginas do livro tinham centenas de furos e, na grande maioria, cheguei a verificar isso no capítulo doze, “Tratatto dei Ridicoli” (Tratado dos ridículos), que naquele momento era o que mais me interessava, pelo menos uns 80% dos buracos coincidiam com as vogais das sílabas italianas e latinas de Tesauro. *Ridicolo*, por exemplo, era legível como *rdcl*. Minha leitura foi muito facilitada por uma lupa que me foi emprestada por dois funcionários da Biblioteca Nacional, Waldyr da Cunha e Raymundo Carneiro. Nela, li fazendo hipóteses sobre as vogais que deviam preencher os buracos. Anos depois, quando contei essa história dos bichos num seminário que fiz sobre a poesia que leva o nome de Gregório de Matos, Roger Chartier me disse, com seu humor ácido e fino de sempre, que os bichos que comeram vogais não eram brasileiros, mas portugueses, porque são os portugueses que comem as vogais da língua. É divertido; mas, como vocês sabem na sua pele de bugres das baixas latitudes, o Brasil é insuperável nas artes da destruição e, tenho total certeza, os bichos que comeram as vogais eram mesmo autenticamente nacionais.

De todo modo, foi emblemático das dificuldades de fazer o que eu tentava naquele momento e também depois, desde que defendi o doutorado, em 1988, até 2012, quando me aposentei, na área de Literatura Brasileira da USP, onde outros bichos de duas patas continuaram a corroer e a sabotar meu trabalho. Foi ruim sentir nojo aguentando durante tanto tempo baixarias formativas de psicopatas e arrivistas puxa-sacos repetidores de ideias fora do lugar. Mas sobrevivi, felizmente, sempre repetindo para mim mesmo os versos de Lope, “a mis soledades voy, de mis soledades vengo, que para andar conmigo mi bastan mis pensamientos”. Sobrevivi, tendo a sorte de sempre encontrar vida inteligente fora da área de Literatura Brasileira da USP, principalmente naquelas fronteiras do Paraguai com a Finlândia onde o pensamento é sempre uma liberdade livre. Esse humor quase sempre negro foi fundamental para mim em todos os lugares onde estive, no Brasil, na Colômbia, no Peru, no Chile, no México, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, em Portugal etc. E